

Brasília, cidade cassada, tira título para eleição

Foto de arquivo

Brasília — Em 1970, o arquiteto e coronel do Exército Hélio Prates da Silveira, Governador de Brasília, resolveu construir uma piscina pública coberta. Meses a fio ele supervisionou a obra mas não conseguiu assistir ao mergulho inaugural. Uma insanável falha de estrutura drenou para os terrenos próximos toda a água e o dinheiro que o coronel tinha destinado à piscina, finalmente enchida com concreto e transformada em ginásio de esportes.

Fatos dessa natureza sempre passaram com destaque para a memória insatisfeita de Brasília, que desde a fundação até hoje vem sendo administrada — sem a menor participação do povo — por uma série, em geral mal recebida, de dez Governadores nomeados. "Já vi tudo em minha vida, menos uma cidade cassada", disse ano passado o Presidente Tancredo Neves ao se referir a Brasília, que só agora, com a emenda constitucional aprovada pelo Congresso, adquire o direito de ter representação política, inicialmente composta por oito deputados e três senadores, número que equivale ao de nove Estados.

Corrida aos títulos

A vontade de votar de Brasília é demonstrada pela corrida dos eleitores que se registra no posto da Rodoviária, um dos oito que a Justiça Eleitoral mantém na cidade. Ali, há 40 dias, apenas seis títulos eram expedidos por dia, média que saltou para 200 depois da aprovação da emenda. A Justiça Eleitoral, ao mesmo tempo em que anda às voltas com as filas agora feitas nos postos, organiza uma campanha de esclarecimento público, porque, segundo o juiz Francisco Silva Neto, "há pessoas que há muito tempo chegaram à idade e nunca se preocuparam em tirar seus títulos, por absoluta falta de utilidade para o documento".

Os brasilienses só votaram uma vez na vida — na última eleição direta para Presidente, em 1960, quando só havia entre eles 20 mil eleitores. A esmagadora maioria dos títulos expedidos — um total de 550 mil — nunca foi usada pelos seus portadores.

À corrida aos títulos justapõe-se com a mesma ligeireza a dos potenciais candidatos. A filha do fundador da cidade, Márcia Kubitschek, deverá disputar pelo PMDB uma cadeira na Câmara, enquanto um primo do ex-Presidente, empresário Carlos Murillo, é o trunfo com que este partido conta para concorrer ao Senado. Também de olho no Senado está o advogado Maurício Corrêa, presidente da seção do DF da OAB, que espera ser apoiado pelo Governador Leonel Brizola e já admite se candidatar para suceder a José Aparecido como Governador de Brasília, daqui a quatro anos.

Candidatar-se a qualquer cargo é a intenção de Carlos Valadares, um jovem de 29 anos que se tornou conhecido por percorrer o país com o **Tancredão**, um boneco de isopor de 3 metros que ele agora reativou e está usando em campanha, enquanto pede uma ajuda para comprar para o boneco um terno novo. "Saí com o Tancredão na Ceilândia, na semana passada, e foi um sucesso. Como acreditei nele desde o primeiro momento, acho que Dona Risolte vai entender que preciso usá-lo na campanha de 86", diz Valadares, que milita no PMDB e em 15 de janeiro subiu a rampa do Planalto com o inseparável boneco, "numa posse simbólica".

Ainda sem partido, o pastor Doriel de Oliveira garante que está no páreo para uma das oito cadeiras de deputado e diz que fará "um trabalho de catequese" nos 40 templos pentecostais que administra em Brasília. Como os sobrenomes ilustres e os golpes publicitários, o misticismo bem enraizado em Brasília, que tem 42 seitas registradas, dará à campanha eleitoral uma coloração à parte. Muitos sonham por exemplo em obter o patrocínio da líder espiritual Tia Neiva, que vive rodeada de adeptos e exerce influência direta sobre pelo menos 30 mil pessoas.

Buzinando ao General

Mesmo sem ter podido exercer os seus direitos políticos, nos últimos 25 anos, Brasília tratou em surdina de formar uma elite organizada, um sindicalismo eficiente e movimentos reivindicatórios que se manifestaram com força. Ainda há pouco, para protestarem contra o que consideram "o último Governador biônico" — o deputado José Aparecido, indicado pelo Presidente Sarney — grupos de brasilienses foram às ruas e invadiram gabinetes de senadores para pressioná-los contra a aprovação do nome.

Durante a campanha pelas diretas, o orgulho cívico de Brasília foi devidamente atiçado e os moradores se manifestaram com um espetacular **buzinão** que encheu os tímpanos do General Newton Cruz, então Comandante Militar do Planalto. O líder do Governo Figueiredo na Câmara, Nelson Marchezan, foi brinda-

do com uma chuva de ovos, lançados por manifestantes irados com a instável postura do Planalto em relação à sucessão presidencial.

Em 1976, o clamor de Brasília ecoou em forma de canto. Em agosto desse ano, no enterro do ex-Presidente Juscelino Kubitschek, o povo saiu às ruas e num coro de mais de 10 mil vozes mudou a letra do tradicional Peixe Vivo para indagar com expressão: "Como poderei viver sem democracia?"

A campanha pelo voto e a representação política tomou forma em 1979, contando com o patrocínio da Associação Comercial do Distrito Federal, presidida até hoje pelo empresário Aziz Lindemberg Cury, e contando com a ativa participação da Ordem dos Advogados. Um nítido sentimento brasiliense, compartilhado pelos pioneiros, sempre esteve ligado à vontade de autonomia política e se refele nas críticas que o líder empresarial Ozório Adriano Filho reserva para o coronel e arquiteto que construiu em Brasília uma piscina furada.

— A primeira vez que o Coronel Hélio Prates veio a Brasília foi para assumir o cargo — diz Ozório, que revela que todo o secretariado de Prates veio do Rio Grande do Sul e que se julga um pioneiro, por residir na cidade desde 1960. Severo nas críticas que também faz ao Senado, cujo poder a seu ver cassou a representatividade de Brasília e sempre bloqueou as pretensões do empresariado local de ascender ao Governo, Ozório está agora engajado em organizar o PFL na cidade, preparando-o para lançar candidatos nas próximas eleições.

Prestígio total

A pretensão dos empresários se justifica. O mando político em Brasília, pela natural projeção da Capital e a proximidade do poder central, tem sido um eficiente trampolim para vóos mais arrojados, do qual os homens nomeados para exercê-lo sempre souberam tirar proveito.

O primeiro Prefeito de Brasília, Israel Pinheiro, acabou se cercando de suficiente prestígio para eleger-se depois Governador de Minas. E o Deputado federal Tapey Júnior (PFL-PI) garantiu uma cadeira na Câmara, por seu Estado, depois de ter sido Secretário de Saúde de Brasília e dedicar-se com todo empenho a ajudar os conterrâneos que vinham à Capital. Atentos ao valor da cidade na estratégia política nacional, o goiano Mauro Borges e o mineiro Itamar Franco, ambos senadores, fizeram tudo para governá-la sob o atual Governo, antes que a escolha de Sarney se fixasse em José Aparecido.

— Com a conquista da representação política, ficaremos livres das esdrúxulas listas de indicações e o processo evoluirá, porque a cidade já está suficientemente politizada para não aceitar mais Governadores nomeados — diz o advogado Maurício Corrêa.

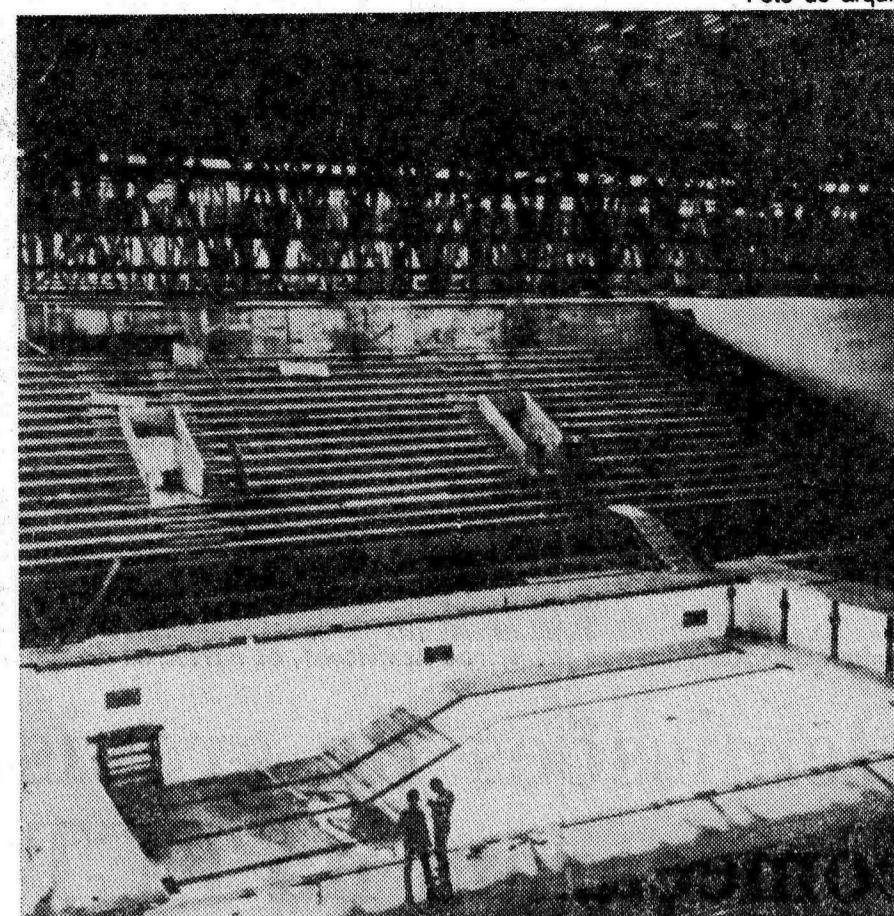
A conquista é também bem recebida pelo editor-geral do **Correio Brasiliense**, Ronaldo Junqueira, para quem Brasília saiu "valorizada" com ela, somando agora às alegrias da corte a força significativa do voto. Antes, lembra Ronaldo, havia de quatro em quatro anos uma reciclagem na corte, e a nova situação será bem mais vantajosa, por se formar na cidade uma representação sedimentada.

Boa escola, maior renda

A seqüência de 10 Governadores feitos de cima, se deixou alguns problemas, nunca teve pela frente, porém, para administrar, um quadro verdadeiramente dramático. Em Brasília moram os detentores da maior renda per capita de todo o país e a cidade tem um índice de escolaridade — 90% — que é também o primeiro. Seu orçamento — hoje de Cr\$ 3 trilhões — é considerado modelo e o endividamento, menos de 2% deste orçamento, é menor que o de qualquer Estado. A situação é facilmente explicável, pois a União concede a Brasília 50% do seu orçamento, 80% do qual se destina a pagar funcionários dos setores de educação e saúde.

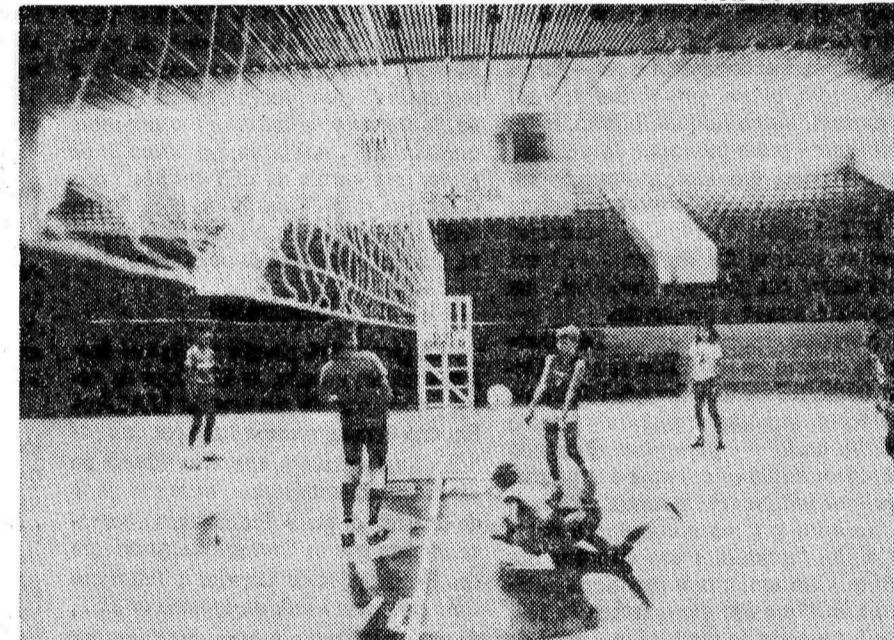
Os Governadores nomeados, mesmo assim, deixaram para os brasilienses pobres um terrível déficit habitacional, de 80 mil moradias, e nunca resolveram o problema de transporte para os trabalhadores, que enterram até 30% do que ganham por mês para se deslocar entre o emprego e a casa. Ao mesmo tempo, nada é mais comum em Brasília do que os carros oficiais que conduzem os funcionários da República.

Ou melhor: há coisas igualmente comuns, como a sucessão de absurdos pelas quais são responsáveis os homens que governaram sem voto a Capital da República. Arquiteto, Coronel e Governador, Hélio Prates, além da piscina que acabou tapada, fez também um estádio de futebol que teve de ser refeito, em 1981, depois que a cobertura caiu.



A piscina de Prates virou mina e levou a água para longe

Foto de José Varella



... no lugar, o jeito foi construir um ginásio de esportes